a alimentos, a produção agrícola daquela região não será mais afetada pelos fenômenos climáticos. Teremos, então, na região semi-árida, duas economias agrícolas, uma baseada no aproveitamento direto dos solos, das pastagens naturais do próprio "polígono das secas", uma economia, principalmente de pecuária, baseada em plantas resistentes à seca, e outra economia ligada à produção de alimentos baseada na irrigação. Teremos, então, a economia do Nordeste totalmente adaptada às suas condições ecológicas. Não é uma solução imediata, mas para dentro de 5 anos. Provavelmente, teremos, talvez, 100 mil hectares irrigados no Nordeste e isso já significa uma modificação da região semi-árida.

No que diz respeito à região úmida, conhecemos, muito mais hoje do que em 1959, o problema do solo, as necessidades de complementação de reservas de água. Hoje, finalmente, estamos preparados para um trabalho mais amplo. Contudo, não foi possível avançar muito, e não foi possível porque essas terras são, hoje em dia, principalmente utilizadas para a produção do açúcar e estão integradas em grandes propriedades açucareiras, e somente mediante uma adequada reforma agrária será possível utilizar parte delas para a produção de alimentos. Contudo, temos esperança de que poderemos organizar uma economia produtora de alimentos nessa região. A alternativa encontrada para aumentar a produção da região úmida consiste em buscar terras úmidas que não estivessem sendo utilizadas para a produção do Nordeste e isso nos levou à fronteira maranhense, onde encontramos abundante oferta de terras que começam a ser utilizadas e que estão atraindo, neste momento, espontaneamente, dezenas de milhares de nordestinos que lá estão se fixando, na perspectiva da criação de uma economia à base da propriedade, isso sob a orientação dos técnicos da Sudene.

Com respeito à integração do mercado nordestino e à criação de uma infra-estrutura do nordeste, hoje estamos, na verdade, muito avançados em relação aos objetivos a que nos havíamos proposto. Contávamos inicialmente com uma vantagem que era a existência de um órgão de padrão técnico superior, hoje dirigida pelo Senador Apolônio Sales que é a Companhia Hidroelétrica de São Francisco, a CHESF, grande empresa que constitui o ponto de partida que permitirá, em prazo relativamente curto, criar condições para dar a todo o Nordeste uma oferta de energia abundante e barata, permitindo, assim, o desenvolvimento de atividades que pressupõe a existência da energia elétrica. Por outro lado, no que respecta à infra-estrutura do transporte, também já havia uma experiência no Nordeste, e se não foi possível avançar com tanta velocidade no setor elétrico, podemos dizer que os problemas da infra-estrutura econômica do Nordeste estão equacionados. O seu financiamento está perfeitamente encaminhado. Disponho, hoje, dos meios para, dentro de um prazo relativamente curto, ter no Nordeste essa infra-estrutura que vem a ser, na verdade, a unificação do mercado nordestino.

Até o presente o Nordeste não tem esse mercado unificado; o Nordeste não tem, por exemplo, uma grande estrada tronco que ligue suas principais cidades e que assim unifique seus principais mercados, nelas interessando as populações urbanas. Isso ainda não foi feito, mas será feito seguramente dentro de dois anos. E dentro de três anos, construiremos uma ponte sobre o Vale de São Francisco que permita ligar o baixo São Francisco a toda a região da Bahia, a toda a região de Alagoas até os Estados de Ceará e Pernambuco num só sistema de transporte. Portanto, aqui podemos afirmar que o caminho andado foi grande e o que se fez foi no sentido de facilitar a soluções futuras. Pode-se dizer que o Nordeste tem, neste terreno, a sua casa organizada.

Finalmente, com respeito à intensificação dos investimentos industriais, neste ponto foi possível andar com mais velocidade. É que o homem da Sudene compreendeu que não seria possível industrializar o Nordeste sem uma política de favores diferenciais. Segundo experiência de outros países, a lei que criou a Sudene, criou um conjunto de favores diferenciais que permitiu ao industrial que vai ao Nordeste compensar-se daquela desvantagem, da falta de economias externas e da falta de maior dinamismo.

Em realidade, através desses favores diferenciais foi possível iniciar no Nordeste um rápido processo de industrialização, com base, evidentemente, na oferta da energia elétrica que já existia. Em algum importante centro foi possível iniciar rápido processo de industrialização e podemos dizer com absoluta segurança que o que se alcançou nesse terreno foi indubitavelmente muito mais do que os otimistas haviam esperado há três anos. Em síntese, podemos dizer hoje que nestes quatro anos alguma coisa foi feita e alguma coisa definitiva também foi feita. Se tivesse de sintetizar aquela situação, utilizaria as palavras aqui do Presidente do INES de de que incontestavelmente estamos hoje diante de uma realidade nova.

Nos últimos três anos, a economia do Nordeste, creiam-me senhores, cresceu mais rapidamente do que a economia do centro-sul do Brasil. A industrialização do Nordeste se fez mais rapidamente do que no centro-sul do Brasil. O Nordeste, nestes três anos, conseguiu recuperar alguma coisa daquilo que havia perdido. Estamos, portanto, diante de uma situação nova. Os investimentos industriais no Nordeste, que há três ou quatro anos passados representavam menos de 2% dos investimentos industriais de todo o Brasil, hoje em dia estão se aproximando de 7%. Trata-se, portanto, de uma situação completamente nova. Entretanto, senhores, mais do que esses fatos, do que se constroem e que relato, como economista de cabeça fria quero dizer que algo existe mais importante do que isso, existe uma realidade social nova que é indubitavelmente a grande vitória do Nordeste neste período recente. O nordestino hoje anda de cabeça erguida e acredita no Nordeste. Os capitais nordestinos não saem mais do Nordeste, como regra que era no passado. Os nordestinos estão, pelo contrário, preocupados em garantir a sua participação no desenvolvimento do Nordeste em face do grande interesse que os capitalistas do Sul do Brasil estão neste momento demonstrando pelo Nordeste. O nordestino está hoje em dia integrado efetivamente no psicólogo do mesmo otimismo, com referência ao desenvolvimento da sua região, que vem caracterizando há muitos anos o Estado de São Paulo. É esse um dado que não poderia de nenhuma maneira ser ignorado neste momento. Contudo, direi aos senhores que não poderíamos, de forma nenhuma, dormir sobre esses louros, que são efetivamente resultados parciais. Digo aos senhores, com absoluta franqueza, que o Nordeste hoje está administrativamente aparelhado, possui um plano de desenvolvimento, e o Congresso Nacional recorreu o valor desse plano quando a Câmara dos deputados aprovou, por unanimidade, com grande entusiasmo de todas as bancadas, há dois meses, a reformulação desse plano.

Estamos, portanto, muito longe daquela época em que se disputavam verbos. O Nordeste, hoje, pode dar essa lição ao Brasil e dizer que não para. O Congresso se propôs a defender esse mesmo objetivo, reconhecendo que o governo está preparado para executar seu plano.

Por outro lado, tendo realizado essa reforma administrativa, dispondo de um plano e dispondo dessa psicologia nova, o Nordeste estava aparelhado efetivamente para iniciar a nova fase do seu desenvolvimento. Temos que reconhecer, como nordestinos, que outros problemas graves estão diante de nós. Temos o problema agrário pela frente. Não será possível continuar o desenvolvimento rápido da indústria nordestina se não houver oferta de alimentos adequados nos grandes centros industriais. A irrigação, em cinco ou dez anos, contribuirá para melhorar. Antes disso, devemos pensar efetivamente em utilizar mais intensivamente o solo nordestino e a agricultura moderna, que propiciará aos nordestinos meios adequados para seu abastecimento. Essa realidade está diante de nós e deverá ser enfrentada a curto prazo, dentro da consciência que temos de que não se conseguirá solucionar o problema agrário sem coragem. Surgirão outros problemas no Nordeste, e se não caminharmos para a sua solução, não resolveremos todos os problemas da região.

Solucionados esses problemas, surgirão outros e teremos incidido nos mesmos erros do passado, quando outros governos, através de realização de certas obras, criaram novos problemas sociais.

Com a demanda de alimentos nos centros urbanos e não proporcionando simultaneamente a sua oferta adequada, estaremos criando uma pressão excessiva no mercado de alimentos, com a tendência de se elevarem seus preços e, portanto, prejudicando o próprio processo de industrialização do Nordeste.

Quero que se debata com franqueza o problema agrário, nesta Semana. Ele deve ser condicionado ao objetivo essencial do governo, como há quatro anos se fez com a reforma administrativa.

Meus senhores, não poderia, ao me referir à política do governo federal, ver executar esse trabalho no Nordeste e deixar de dizer algumas palavras sobre a reforma e como essa política está sendo seguida hoje. Refiro-me à política do desenvolvimento nacional, formulada em suas diretrizes básicas pelo Plano Trienal. Estamos convencidos, nós, nordestinos, de que esse plano diz isso com absoluta clareza, que não existe no Brasil, de maneira alguma, o processo de exploração de uma região por outra. Não somos românticos nem nos iludimos. Compreendemos que o desenvolvimento do Brasil tem erros. A política de desenvolvimento cometeu erros que prejudicaram o Brasil, ocasionalmente, como a política cambial, que tanto prejudicou o Nordeste. Isso é coisa do passado.

Nós, nordestinos, não pensamos que a industrialização do Brasil deve ser sacrificada para criar uma falsa industrialização em cada região. Não pensamos que o fato de as indústrias coexistirem represente necessariamente um prejuízo para outras regiões. Estamos convencidos de que o desenvolvimento de São Paulo, a industrialização do centro-sul do Brasil, concentrado na região paulista é, na verdade, um dado da própria solução do problema nordestino. Não há

razão para que os investimentos sejam orientados de modo errado, de modo a aumentar o custo social do desenvolvimento econômico. Não há razão para que uma indústria que está mais bem situada seja levada para outra região, só para que ali tenha industrialização. O problema da industrialização no Nordeste deve ser concebido dentro da compreensão econômica do problema da industrialização brasileira compreendendo que essa industrialização se deve basear em função do mercado das disponibilidades das matérias-primas, das disponibilidades de energia elétrica, da infra-estrutura de transporte.

E dentro desses princípios que estamos julgando os projetos do Nordeste e estamos levando adiante o seu desenvolvimento. Os fatores diferenciais são, na verdade, uma pequena fração daquilo que se investe no Nordeste. Não representam o fator fundamental para que as indústrias se localizem no Nordeste. Consultuem um indicador para chamar a atenção ao Nordeste. E esses primeiros passos abrirão caminho a tudo e o processo alcançou sua dinâmica própria e está indo adiante por sua força interna. Estamos convencidos, nós, de que o fato de que as indústrias se localizem numa região não quer dizer que essa região tenha níveis de vida mais altos do que outras. Os problemas de níveis de vida de uma região decorrem em grande parte da política fiscal, da política salarial de outros dados, não propriamente da localização da região. A atividade econômica pode ser localizada em outras zonas. Pode ser, por exemplo, centralizada como é o caso dos Estados Unidos, e o seu nível de vida pode ou não ser tão alto numa região, como é onde há muitas indústrias. Isto são problemas de outra natureza que são ligados principalmente à política fiscal, à política salarial e a outros fatores.

Portanto, não se cria que nós, no Nordeste, estamos pensando que a nossa industrialização se vá sobrepôr à industrialização centro-sul, eis que elas são parte integrante de toda essa industrialização. As indústrias que se estão localizando no Nordeste têm viabilidade econômica sobre as do próprio mercado Sul do Brasil, com respeito ao próprio mercado nordestino. O Nordeste oferece certas vantagens vocacionais bem positivas e estas indústrias lá localizadas irão contribuir para, aumentando a produtividade do Nordeste, criar um mercado nordestino também para as indústrias do Sul do Brasil.

E dentro dessa visão que no Plano Trienal se equacionará a base do desenvolvimento e se diz claramente que o Brasil será zoneado, será considerado nas suas principais zonas a fim de que a política de zoneamento regional possa integrar-se na política nacional. Pretendemos que todas as regiões, não somente o Nordeste, mas a Amazônia, a fronteira sudoeste do Brasil Central, todas elas sejam objeto de reformas adequadas, reformas administrativas através de incentivo a fim de que a atividade econômica melhore e se distribua, visando aumentar o ritmo de desenvolvimento, o melhor aproveitamento de seus recursos, a elevação da produtividade, a criação de um mercado que irá beneficiar todo o Brasil e as grandes regiões já industrializadas. E dentro dessa perspectiva realista de interesse nacional que dentro do Plano Trienal foi considerado o problema do Nordeste, estando nós convencidos de que o seu desenvolvimento seja uma parte essencial do próprio desenvolvimento nacional.

Para encerrar a minha exposição, um tanto árida, de um técnico em ambiente de estudos, gostaria de dizer aos senhores presentes, em particular aos paulistas, aos homens do Sul do Brasil, que nós, nordestinos, nos sentimos muito próximos do dinamismo de São Paulo, e nos sentimos próximos do dinamismo de São Paulo talvez por esse traço comum, de que hoje falamos aos homens da indústria: é que nós, por um paradoxo da nossa psicologia, nós, nordestinos, somos os impenitentes da esperança e os paulistas são os impenitentes da esperança pelo êxito das suas vidas realizadas. Por motivos distintos nós nos sentimos irmanados por essa mesma atitude. O nordestino, o sertanejo nordestino vê a calamidade, a seca, a fome, a destruição, a pobreza mas não considera nada disso como o seu próprio destino; ele considera que o seu destino é recuperar-se. Depois disso, ele se levanta, pleno de esperança, cheio de alegria, com a idéia de que o próximo inverno será bom e quando vier esse bom inverno a sua economia se recuperará, o seu horizonte se abrirá e uma nova vida se iniciará.

Como homem do sertão eu me acostumei, desde cedo, a psicologia da esperança, que marca nosso caráter, especialmente de outros colegas meus, desse otimismo que faz com que nós, de uma região calcinada, maltaradas por tantas coisas, nos sintamos tão próximos dos homens que se realizaram pelo desenvolvimento do Brasil. Nós, os nordestinos, nos sentimos também paulistas, pela nossa imensa esperança no futuro do Brasil.

Muito obrigado (a Casa permanece aplaudindo demoradamente).
O SR. PAULO GUERRA — Sr. Presidente, peço a palavra.
O SR. PRESIDENTE — Tem V. Exa. a palavra.
O SR. PAULO GUERRA — (Sem revisão do crader) — Sr. Presidente, pedi a palavra, neste instante, baseado nas palavras de V. Exa., digníssimo Presidente da Assembléia Legislativa do glorioso Estado de São Paulo, quando disse que franqueava o Plenário desta Casa para que o povo falasse. Aqui não fala, nesta hora, o representante do Governador Miguel Arrais. Faia o representante do povo de Pernambuco, para dizer, data vênica, que discordo, plenamente, desse quadro que se está pintando do Nordeste.

O panorama nordestino é cada vez mais trágico. No Nordeste só existe, atualmente, o grande plano do Ministro Celso Furtado. Mas, como todos nós acabamos de compreender, esse plano só poderá ser realizado quando S. Exa. tiver tempo bastante para realizá-lo e tiver os necessários recursos que a União lhe propiciar.

Disse o Ministro Celso Furtado, há pouco, que nós precisaríamos reformular a estrutura do Nordeste. Discordo. Precisamos reformular a estrutura do Brasil! O Nordeste não poderá continuar se reestruturando a si mesmo, quando o Brasil continua com a mesma estrutura. (Palmas). Não venho aqui em nome de Pernambuco e nem do Nordeste estender a mão à gloriosa gente do sul, à gloriosa gente de São Paulo. Estamos aqui, como disse o Presidente do Instituto Nacional de Estudos Superiores, para cuidar da integração do Nordeste, portanto, da integração do Brasil. É a integração de todos os irmãos, e é por isso que falo aqui, com toda a franqueza, com a alma na mão, como quem fala para a mesma família, para dizer que nós reformularemos o que aí está no Brasil, começando pelo 915, pelo célebre Decreto 915 que tem sido uma das causas da atrofia da economia do Nordeste. Reformularemos o Brasil numa reforma agrária, não para o Nordeste, mas uma reforma agrária para o Brasil, ou então o Nordeste jamais será recuperado.

O que agora existe no Nordeste é a fome. A população do Nordeste está desajustada e a população do interior completamente infestada por todas as moléstias, cuja infiltração nas escolas chega a 90%. Fala-se na industrialização do Nordeste, sem se preparar as escolas profissionais para os filhos dos operários, para a nova fase da industrialização.

O que existe no Nordeste, antes de tudo, é o tratamento desigual da Federação. Agora mesmo, na política certa de acabar com os subsídios, o problema do açúcar, que é a principal economia do Nordeste, agravou-se ainda mais. O operário rural, que é justamente aquele que produz o açúcar, está às portas do desespero, porque o preço da cana do açúcar continua a 2.100 cruzeiros e o operário rural continua a ganhar 200 cruzeiros no máximo por dia. O açúcar, que é a principal economia do Nordeste, não vale nada. Basta dizer aos senhores que estão presentes no seminário, que a minha gravata custou mais do que uma tonelada de cana. É preciso falar nesta hora alto e claro para o povo paulista, para que o povo do Sul não pense que o Nordeste está às portas da salvação. O Nordeste está às portas do desespero. Não podemos esperar por esse plano realmente sério, realmente objetivo, único plano que já se fez no Brasil, do eminente Ministro Celso Furtado. Devemos ir à cirurgia, porque a clínica, o tratamento terapêutico do Ministro Celso Furtado não atenderá jamais aos doentes do Nordeste. Temos então que, com coragem, falar claro ao povo de São Paulo. Basta dizer que, com a economia forçada pelo artigo 34 da SUDENE, com o dinheiro que os capitalistas industriais do Sul depositaram na SUDENE, não foi feito nenhum investimento no Nordeste e somente daqui a seis meses começarão a fazer. A 204 criou ainda mais um agravamento para os industriais do Nordeste, porque, enquanto os Estados do Sul se beneficiavam com dólares de favor, o Nordeste, para que se possa industrializar, nesta hora terá que pagar um custo de alto preço. Temos uma fábrica no Nordeste, em Pernambuco, que começou a ser instalada antes da 204. Hoje, para ser concluída, o seu orçamento duplicou graças a esta nova orientação financeira do País. O Nordeste precisa, antes de mais nada, de justiça. Nós não precisamos da caridade. A caridade de ontem, a justiça social de hoje. Quero dizer aos presentes que não esperamos a caridade.

Iremos exigir justiça, justiça que o nordestino não tem, porque do Nordeste estão saindo anualmente 140 mil homens aptos em busca de trabalho no Sul do Brasil. Esses homens não deixarão de fazer isso porque a industrialização não aparece por lá. Não existe nada de industrialização no Nordeste. Essa é a verdade pura. Renunciarei ao meu mandato de Vice-Governador se me provarem o contrário. (Palmas). O Governador Aluizio Alves e também o Governador eleito do PUS para atestar se não é essa a situação calamitosa do Nordeste. Ou o Brasil se unifica, ou o Brasil se reformula, reformula a sua estrutura econômica, a sua estrutura agrária, ou então o Nordeste se levantará como um vulcão e ninguém o detirá. O Nordeste destruirá o Brasil. (Palmas).

O SR. ROBERTO COSTA DE ABREU SODRÉ (Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo) — Sem revisão do crader — Hom-